

DESEMPREGO. CASAL COM TRÊS FILHOS ESTÁ SEM TRABALHO E A VIVER NUM PARQUE DE CAMPISMO

# “SE TEMOS ESPERANÇA? NÃO... PERDEMOS TUDO”

Há um ano investiram as únicas poupanças num negócio, que nem abriu porque surgiu a pandemia. Ele entretanto perdeu o emprego e a seguir ficaram sem casa. Sofia e Paulo estão a morar numa *roulotte* e muitas vezes só podem dar esparguete às crianças. Por **Sónia Bento**

**S**e há um ano me dissessem que estaríamos a viver numa *roulotte*, com os nossos três filhos, diria que era um pesadelo. Morávamos num T3 alugado, por 400 euros, em Loures, tínhamos comprado um carro novo em 2018, não havia dívidas e trabalhávamos os dois. Eu como esteticista à comissão e o Paulo estava há já 15 anos numa empresa de organização de eventos em hotéis de cinco estrelas. A nossa vida era estável e o Paulo convenceu-me a ter o meu próprio negócio. Em janeiro de 2019 encontrámos uma loja, perto de casa, e investimos as poupanças todas ali, em obras, decoração e material – cerca de 10 mil euros. Era para abrir a 19 de março, só que entretanto surgiu o confinamento.

Com os eventos cancelados, o Paulo foi despedido em abril, sem nenhuma indemnização. De repente, foi o ordenado dele que deixou de entrar, a loja que só nos dava despesas, o carro e a alimentação de três crianças [duas raparigas de 15 e 13 anos e um rapaz de 11]. Um mês, tudo bem, isto vai passar, ao fim de três meses já é o desespero. Aguentei a loja até maio e abri no dia 15, com mais despesas no material que a pandemia exige. Mas de maio a setembro só fiz 150 euros... chegava a casa desanimada e o Paulo tentava dar-me força. Dizia-me: ‘Vá lá, não fiques assim, o começo é sempre difícil.’

Tentei resistir, mas não conseguia pagar os 850 euros de renda, que

com água e eletricidade chegavam aos mil. Em setembro, sem dizer nada ao meu marido, entreguei a loja. Pedi o RSI [Rendimento Social de Inserção], mas não tenho direito a nada porque o Paulo já recebe 400 euros de subsídio de desemprego. Entretanto, em agosto, o senhorio da nossa casa, a quem nunca fiquei a dever nada, lembrou-se primeiro que precisava da casa para a filha, depois propôs o dobro da renda, enfim, até eu descobrir que o contrato que tinha assinado não valia. Num mês e meio, tivemos de sair. Pedi 5 mil euros emprestados a uma pessoa amiga para poder comprar uma *roulotte* e é num parque de campismo que estamos a viver os cinco, desde novembro... Mas não falta amor... [chora].

Dos 400 euros, 200 vão para a mensalidade do parque, que faz o favor de nos deixar viver aqui. E ainda tenho de pagar a quem me emprestou o dinheiro para a *roulotte*. É só contas... Temos o apoio de uma assistente social, que nos envia um cabaz todos os meses, e do grupo Sobreviver a Pão e Água, que também nos ajuda com comida. Carne e peixe não consigo comprar. Brinco muitas vezes e digo: ‘Hoje vamos comer uma coisa que não comemos há muito tempo: esparguete!’ Os meus filhos misturam açúcar com canela para pôr no pão e dizem que sabe a Nutella. Há pessoas que nos oferecem ajuda, mas eu não consigo... tenho medo que me achem oportunista. Desde que viemos para o parque,

**Paulo, de 53 anos, e Sofia, de 33, vivem com 400 euros do subsídio de desemprego que ele recebe**

## 6.114

casais tinham os dois elementos desempregados no final de novembro, mais 15,9% do que no mesmo mês de 2019

“*Dormir aqui [na roulotte] com mau tempo é assustador, quando está vento então, parece que vai tudo pelos ares*”

nunca mais saí daqui. Vivo apavorada com a ideia de me virem roubar o pouco que tenho.

Os meus filhos não me pedem nada [chora]... e eu só lhes queria dar uma casa, mas para isso preciso de trabalho. A mais velha está no 10º ano, em Artes, e quando precisa de material, que é caríssimo, só me pede desculpa. Antes deste confinamento, tinha voltado a trabalhar à comissão em três sítios, só que era pouca coisa porque as pessoas têm medo, e agora então é zero. O Paulo também tem andado à procura, o último emprego que tentou foi para entregar pão, mas dizem-lhe que precisam de alguém mais novo; ou ficam de dar uma resposta que nunca chega.

Se eu tenho esperança? Não... Já perdi tudo, até as forças. Não me quero vitimizar, nunca fui assim, mas sinto o chão a fugir. Olho para os meus filhos, tenho vontade de chorar e não posso. O que me anima é vê-los felizes por viverem ao ar livre. Mas dormir aqui com mau tempo é assustador. Quando está vento, então, parece que vai tudo pelos ares. Naqueles dias em que estive-ram temperaturas negativas, passamos muito mal. Foi um ano de perdas consecutivas. Perdemos o trabalho, as poupanças, a nossa casa e a nossa estabilidade, os meus filhos perderam os amigos porque foram obrigados a mudar de escola. Eu dei sempre a volta e agora tenho de me conformar com a situação a que chegámos e dói muito.”